

O verbo em Giovanni Verga: considerações sobre o uso dos tempos e dos modos
e os desafios para a tradução
Alcebiades Martins Arêas
Maria Aparecida Cardoso Santos
Edvaldo Sampaio Belizário

O verbo em Giovanni Verga: considerações sobre o uso dos tempos e dos modos e os desafios para a tradução

Alcebiades Martins Arêas
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
bideareas@gmail.com

Maria Aparecida Cardoso Santos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
cardoso.aparecida@gmail.com

Edvaldo Sampaio Belizário
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
edvambel@bol.com.br

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo apresentar a tradução de fragmentos retirados de alguns contos escritos por Giovanni Verga com foco na tradução para o português de alguns tempos e modos verbais do italiano. Nossa estratégia de tradução obedece ao escopo de buscar a melhor forma e o melhor conteúdo privilegiando a clareza e o sentido dos textos escolhidos para a língua portuguesa e partindo, sempre que possível e necessário, de uma perspectiva comparatista em que a tradução para outras línguas pode corroborar nossas escolhas.

Palavras-chave: Giovanni Verga. Tempo Verbal. Modo Verbal. Tradução.

ABSTRACT: Il presente lavoro si propone di presentare la traduzione di frammenti tratti da alcuni racconti scritti da Giovanni Verga, concentrandosi sulla traduzione in portoghese di alcuni tempi e modi verbali italiani. La nostra strategia di traduzione segue lo scopo di ricercare la migliore forma ed il miglior contenuto, dando priorità alla chiarezza e al significato dei testi scelti per la lingua portoghese e partendo, ove possibile e necessario, da una prospettiva comparativa in cui la traduzione in altre lingue può confermare le nostre scelte.

Parole chiave: Giovanni Verga. Tempo Verbale. Modo Verbale. Traduzione.

ABSTRACT: The present work aims to present the translation of fragments taken from some short stories written by Giovanni Verga, focusing on the translation into Portuguese of some Italian verbal tenses and modes. Our translation strategy follows the scope of seeking the best form and the best content, prioritizing the clarity and meaning of the texts chosen for the Portuguese language and departing, whenever possible and necessary, from a

comparative perspective in which the translation into other languages can corroborate our choices.

Keywords: Giovanni Verga. Verbal Tense. Verbal Mode. Translation.

Introdução

Traduzir um texto comporta diversos desafios que englobam desde os aspectos linguísticos e gramaticais até a observação dos aspectos extragramaticais e extratextuais.

Os primeiros aspectos – linguísticos e gramaticais - se relacionam às estratégias a serem utilizadas no processo da tradução tais como escolhas lexicais, utilização dos modos e dos tempos verbais além da observação das sutilezas semânticas de cada língua. Estes aspectos influenciam a construção do sentido pretendido pelo autor e não podem ser desconsiderados por quem traduz.

Os segundos aspectos - extragramaticais e extratextuais - se relacionam às dimensões espaciotemporais do texto original que não podem e não devem ser ignorados, uma vez que eles estabelecem os marcos de inscrição de uma obra em um determinado lugar e em uma determinada época.

No que concerne aos primeiros aspectos, isto é, às estratégias, Britto (1999) aponta para o fato de que os tradutores alternam suas escolhas optando ora pela autonomização, ora pela aproximação, sempre tendo em vista a necessidade de se manter mais próximo da língua de chegada por meio da domesticação de elementos ou de se manter próximo ao texto fonte ainda que às custas de um possível estranhamento. Em sua opinião,

há mudanças que parecem aproximar a tradução do original e mudanças que parecem afastá-la mais [...]. Diremos que as mudanças do primeiro tipo apontam para uma tendência à *autonomização* do texto traduzido e que

O verbo em Giovanni Verga: considerações sobre o uso dos tempos e dos modos
e os desafios para a tradução
Alcebiades Martins Arêas
Maria Aparecida Cardoso Santos
Edvaldo Sampaio Belizário

as do segundo indicam um movimento de *aproximação* ao texto-fonte. (BRITTO, 1999, p. 245).

Já no que diz respeito aos marcos espaciotemporais, e de acordo com Przybycien (2013, p. 37):

a tradução não se resume às questões linguísticas. Inerente a uma língua, há todo um universo cultural, uma visão de mundo contida nas palavras. As chamadas metáforas mortas, que um nativo usa sem ter consciência que são metáforas, revelam muito sobre o modo de pensar de uma cultura.

Neste sentido, torna-se imprescindível compreender que o espaço-tempo da narrativa não pode ser descolado da tradução sob risco de descaracterização da obra original.

Em outras palavras, pode-se falar em negociação estabelecida entre quem traduz e a obra que está sendo traduzida no sentido de demarcar possíveis relações que envolvem os conceitos de fidelidade, equivalência e liberdade que, ao final, estão sempre presentes, em maior ou menor grau, tanto no ato tradutório quanto nas expectativas suscitadas pela tradução. No que concerne ao conceito de equivalência em cujo bojo estão presentes as ideias de fidelidade e de liberdade, Nord (2016, p. 51-52) faz as seguintes considerações:

Esta equação pouco aprofundada de tradução e equivalência parece ser responsável pelos eternos debates acerca da fidelidade ou da liberdade na tradução, debates esses que não nos têm levado a lugar nenhum. O acordo entre a fidelidade (traduzir fielmente o que está no texto) e servilismo (ser demasiadamente fiel), por um lado, e de liberdade (traduzir livremente) e excesso de autonomia (ser demasiadamente livre), por outro, é tido como critério para que uma versão “demasiada fiel” ou “demasiada livre” não é equivalente e, portanto, não pode ser considerada como uma tradução em sentido estrito. [...]. O conceito de equivalência é um dos mais ambíguos nos estudos da tradução, e, conseqüentemente, tem sido interpretado de formas muito distintas. Equivalência pressupõe que diversos requisitos precisam ser satisfeitos em todos os níveis do texto.

Contudo, Nord também não deixa de apresentar os questionamentos acerca do conceito de equivalência apresentados por teóricos como Nida,

Koller e Neubert uma vez que “a equivalência funcional entre os textos fonte e alvo não é a normalidade, mas sim a exceção [...]” (NORD, 2016, p. 53).

Por equivalência funcional compreende-se a busca, na língua de chegada, de um referente que apresente função semelhante àquela que este referente desempenha na língua de partida de modo a, nas palavras de Britto (2020, p. 69), “transformar o estrangeiro - o estranho – no conhecido, transportando-o de um idioma alheio para o do leitor”. Todavia, em que pese esse entendimento quase universal da transposição que se equipara à ideia de equivalência, Britto chama a atenção para o fato de que é necessário considerar, no que se refere ao texto literário, que existe a possibilidade de que passagens tenham sido conscientemente redigidas para provocar estranhamento no leitor do original e esta possibilidade não pode fugir da percepção do tradutor cujo mister, então, não pode se restringir ao conhecimento das palavras no original uma vez que ele deverá ser capaz de

reconhecer quais as palavras consideradas pelos nativos como comuns, não marcadas, palavras que eram de esperar naquele contexto específico, e quais são inesperadas, rebuscadas, até mesmo impróprias no contexto – pois a impropriedade e o erro são recursos de que os escritores lançam mão com frequência. (BRITTO, 2020, p. 69).

Em outras palavras, é preciso que o tradutor reproduza os aspectos inerentes ao estilo do autor sem ignorar a natureza do idioma original. Deste modo, antes de decidir a estratégia a ser utilizada e antes mesmo de determinar o escopo de sua tradução, o tradutor, “antes de empreender uma tarefa tradutória, deve se informar a respeito do autor, da obra com que vai se ocupar” (BRITTO, 2020, p. 70). No que concerne especificamente ao escopo, a *Skopostheorie*, preconizada por Hans Vermeer, exige “uma mudança de função [posto que] o critério exigido já não é a coerência intratextual com o texto fonte, mas passa a ser a adequação ou a apropriação em relação ao *skopos*”.

O trabalho que ora apresentamos traz a tradução de fragmentos de alguns contos de Giovanni Verga que, a partir da perspectiva comparatista, foram traduzidos integralmente no âmbito da *Oficina de Tradução e Versão em Italiano como Estratégia de Ensino e como Instrumento para o Ensino e Aprendizagem*, cuja dinâmica de trabalho se organiza a partir das reuniões semanais em que são propostas retraduições após diversas discussões, análises e comparações com outras traduções para o português e para outras línguas.

Compreendemos que nenhuma tradução se faz sem debate e nenhum debate deixa de considerar todos os aspectos sociais e culturais das culturas de partida e de chegada bem como não perde de vista a necessidade de se operarem escolhas, ora usando a técnica domesticadora, ora usando a estrangeirizadora.

Os fragmentos que apresentaremos a seguir demonstram essa nossa compreensão e visam a apresentar uma pequena mostra da dinâmica acadêmica da Oficina. Todavia, é preciso que se enuncie que, dado o contexto de produção deste trabalho (apresentação em congresso com posterior publicação em revista acadêmica), foi necessário proceder a um recorte que não é necessariamente capaz de cobrir a extensão daquilo que é produzido pela Oficina.

Recortes são escolhas deliberadas que atendem a um determinado escopo. Desta forma, nossa escolha voltou-se para a observação de algumas questões atinentes à escolha e ao uso dos tempos e modos verbais nos contos selecionados com o objetivo de analisar os tipos de estratégia que cada uso suscitava durante o processo de tradução, conforme veremos a seguir.

O verbo em Giovanni Verga: particularidades, estratégias e desafios

Para as nossas considerações sobre o uso dos modos e dos tempos verbais na tradução de Giovanni Verga (1840-1922), usamos os contos *Fantasticheria*, *La Lupa*, *Jeli*, *il pastore* e *Cavalleria Rusticana*, que fazem parte da coletânea *Vita*

dei campi, publicada pela primeira vez em 1880 e reeditada numa versão definitiva em 1897, e o conto *Nedda* (1874).

Conforme sinalizado anteriormente, estes contos fazem parte de um longo trabalho desenvolvido no âmbito da *Oficina de Tradução e Versão em Italiano como Estratégia de Ensino e Aprendizagem* em que professores e alunos retraduzem as obras selecionadas e discutem detalhadamente as estratégias utilizadas e as soluções encontradas a partir da perspectiva da retradução e da comparação com traduções realizadas anteriormente tanto em português quanto, sempre que possível, em outras línguas.

Feito este pequeno preâmbulo, passemos à análise e ao comentário das passagens selecionadas.

Fragmento 1 – Retirado do conto *Fantasticheria*, que traduzimos por *Devaneio*. Neste fragmento, optamos por traduzir o *futuro anteriore* em italiano pela locução verbal “devem ter acreditado”. Em nossa opinião, o tempo escolhido em português consegue representar a ideia de hipótese no passado.

[...] terrazzani che spalancavano gli occhi vedendo i vostri grossi bauli avranno creduto che ci sareste rimasta un par d’anni.

[...] Os habitantes, que arregalavam os olhos vendo seus enormes baús, devem ter acreditado que você permaneceria ali por alguns anos.

Fragmento 2 - Retirado do conto *La Lupa*, que traduzimos por *A Loba*. Neste fragmento, optamos por traduzir o presente do indicativo em italiano pela forma perifrástica do verbo “ir”, seguida do infinitivo. Em nossa opinião, a forma perifrástica se aproxima mais do uso corrente em português.

[...] Cosa gli date a vostra figlia Maricchia? rispose Nanni.

[...] O que a senhora vai dar para sua filha Maricchia? Respondeu Nanni.

Fragmento 3 - Retirado do conto *Nedda*, cujo título em italiano mantivemos em português. Neste fragmento, optamos por traduzir o *condizionale passato*

(composto) em italiano pelo futuro do pretérito simples em português. Consideramos que o tempo escolhido em português consegue representar a ideia de dúvida, de imprecisão.

[...] Nessuno avrebbe saputo dire quanti anni avesse cotesta creatura umana.

[...] Ninguém saberia dizer quantos anos essa criatura humana tinha.

Fragmento 4 – Retirado do conto *La Lupa* que traduzimos por *A Loba*. Neste fragmento, optamos por traduzir o *trapassato prossimo* em italiano pelo pretérito mais-que-perfeito simples em português. Em nossa opinião, o tempo escolhido em português consegue representar o discurso indireto que é a voz do narrador em construção de discurso indireto. Além disso, observamos que na língua portuguesa do Brasil, o pretérito mais-que-perfeito simples é usado, sobretudo, na escrita literária e, portanto, o seu emprego tem maior conformidade com a voz do narrador.

[...] Padre Angiolino di Santa Maria di Gesù, un vero servo di Dio, avera persa l'anima per lei.

[...] Até o padre Angiolino de Santa Maria de Jesus, um verdadeiro servo de Deus, perdera a alma por ela.

Fragmento 5 - Retirado do conto *Cavalleria Rusticana*, cujo título optamos por não traduzir. Neste fragmento, optamos por traduzir o *trapassato prossimo* em italiano pelo pretérito mais-que-perfeito composto em português. Em nossa opinião, o pretérito mais-que-perfeito composto em português consegue representar a voz das personagens construídas em discurso direto, uma vez que o seu emprego tem maior frequência na interação oral, que, nas obras literárias, aparece no discurso direto.

– Compare Alfio, cominciò Turiddu dopo che ebbe fatto un pezzo di strada accanto al suo compagno, il quale stava zitto, e col berretto sugli occhi. Come è vero Iddio so che ho torto e mi lascierei ammazzare. Ma prima di venir qui ho visto la mia vecchia che si era alzata per vedermi

O verbo em Giovanni Verga: considerações sobre o uso dos tempos e dos modos
e os desafios para a tradução
Alcebiades Martins Arêas
Maria Aparecida Cardoso Santos
Edvaldo Sampaio Belizário

partire, col pretesto di governare il pollaio, quasi il cuore le parlasse, e quant'è vero Iddio vi ammazzerò come un cane per non far piangere la mia vecchierella.

– Compadre Alfio, – começou Turiddu, após ter percorrido um trecho do caminho ao lado do seu companheiro, que estava calado, e com a boina sobre os olhos. Tão certo como Deus existe, sei que estou errado e aceitarei ser morto. Mas antes de vir aqui, vi a minha velha que *tinha se levantado* só para me ver partir, fingindo que ia cuidar do galinheiro, como se o coração lhe falasse, e tão certo como Deus existe, vou matá-lo como um cão para não fazer chorar a minha velhinha.

Fragmento 6 - Retirado do conto *Jeli, il pastore*, cujo título traduzimos por *Jeli, o pastor*. Neste fragmento, optamos por traduzir o *trapassato congiuntivo* em italiano pelo imperfeito do subjuntivo em português. Em nossa opinião, o tempo escolhido em português consegue representar melhor o uso que os brasileiros fazem do tempo verbal em situações comunicativas análogas.

[...] Insomma, purché ci avesse la sua sacca ad armacollo, non aveva bisogno di nessuno al mondo, *fosse stato* nei boschi di Resecone, o perduto in fondo alla piana di Caltagirone.

[...] Enfim, desde que tivesse sua bolsa a tiracolo, não precisava de ninguém neste mundo, *estivesse* ele nos bosques de Resecone ou perdido no fundo da planície de Caltagirone.

Estes seis fragmentos servem como uma pequena amostra dos resultados que costumamos obter em nosso trabalho teórico prático em tradução. Nada é imotivado e nada deixa de passar por análises acuradas e por muitas trocas de opinião em busca da melhor forma para o melhor conteúdo.

Considerações finais

O presente trabalho pretendeu demonstrar, a partir de exemplos materializados nos fragmentos apresentados, o quanto cada tradução está vinculada ao escopo do tradutor e o quanto este escopo determina as estratégias a serem utilizadas.

Em nosso grupo de estudos e de pesquisa, não nos preocupamos apenas com os conceitos de estrangeirização ou de domesticação, uma vez que estamos sempre atentos ao fato de que os elementos contextuais ao lado dos elementos gramaticais e linguísticos são importantes para que o trabalho do tradutor possa comunicar da melhor maneira possível as intenções do autor e para que os aspectos de textualidade e de clareza sejam preservados.

Acreditamos que a possibilidade de escolha de estratégias e a possibilidade de mesclá-las em um mesmo texto enriqueça a tradução a ponto de oferecer ao leitor um trabalho limpo de ruídos e, por isso mesmo competente. Traduzir é um ato que exige responsabilidade e esta responsabilidade se constrói na relação dialógica que tradutor e autor estabelecem mesmo que no plano virtual das ideias.

No nosso caso particular, a relação dialógica com o autor se estabelece a partir das visões variadas que cada membro da oficina tem e da capacidade de buscar o melhor resultado possível a partir de uma atitude de escuta, de respeito e de consideração às intenções do autor.

Nosso trabalho, pois, nunca deixa de considerar a tríade autor-tradutor-leitor que é fundamental para que a textualidade possa ser estabelecida e para que a tradução apresente o sentido esperado. E para que este sentido possa ser percebido, não deixamos de atuar em perspectiva comparatista de forma a corroborar nossa práxis.

Referências

BRITTO, Paulo Henriques. Tradução e criação. *Cadernos de Tradução*. Santa Catarina, v. 1, n. 4, p. 239-262, janeiro 1999. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5534/4992>. Acesso em 18 dez. 2021.

O verbo em Giovanni Verga: considerações sobre o uso dos tempos e dos modos
e os desafios para a tradução
Alcebiades Martins Arêas
Maria Aparecida Cardoso Santos
Edvaldo Sampaio Belizário

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

NORD, Christiane. *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016. (Coleção Transtextos - v.1).

PRZYBYCIEN, Regina. *Traduzindo Wisława Szymborska: Questões de língua e cultura*. *Philia & Filia*. Porto Alegre, v.2, n. 1, jan/jul 2013. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/Philiaefilia/article/view/41032/32735>. Acesso em 18 dez. 2021.

VERGA, Giovanni, 1840-1922. *Cenas da vida siciliana*/Giovanni Verga. Vários tradutores. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2001.

VERGA, Giovanni. *Tutte le novelle*. Volume primo – Introduzione di Carla Riccardi. Milano: Oscar Mondadori, 1986.